

## E A COBRA FUMOU \*

**RUBEM GOMES FERRAZ**

Subprocurador-Geral da Justiça Militar

Com o término da chamada I Grande Guerra (1914-1918), andara, de boca em boca, certa sensação otimista que o futuro não tardaria amargamente a desmentir. Dizia-se ingenuamente que aquela “fora uma guerra para acabar com todas as guerras”. É que, conforme escreveu o estadista Winston Churchill, “surgira a convicção de que a paz reinaria no mundo”. Veio a pô-la abaixo, em 1º de setembro de 1939, Adolf Hitler, ao invadir, em arrasadora **blitzkrieg**

---

\* Trabalho publicado no *JORNAL DO COMMERCIO*, Rio de Janeiro-RJ, de 5 de maio de 1995.

(guerra relâmpago), a Polônia. Em socorro dos poloneses ocorreu de pronto, a Inglaterra, declarando guerra à Alemanha, num anúncio levado ao ar, em memorável emissão radiofônica, por seu primeiro-ministro, Neville Chamberlain, atitude horas depois seguida pela França, governada por Édouard Daladier. Curioso registrar, embora à guisa de mera ilustração, que historiadores do porte de Arthur M. Schlesinger (Universidade de Harvard) e Edward Mc Nall Burns (Rutgers University) sustentam a sua não-caracterização como segunda das guerras mundiais. Nessa ótica representaria a décima desse gênero, sabido que a Guerra dos Trinta Anos, a Guerra dos Sete Anos e as guerras napoleônicas, por exemplo, foram conflagrações mundiais em tudo, salvo no nome. Enfrentaram-se renhidamente, ao longo de duros anos, os Aliados e as nações do Eixo. Este, em sua vertente européia, compunha-se, ademais da Alemanha nazista e da Itália fascista de Benito Mussolini, de satélites e títeres, alguns episódicos ou fugazes: Bulgária, România, Hungria, antigas Tcheco-Eslováquia e Iugoslávia (Croácia), Albânia, Finlândia e Lituânia (Memel). Por seu turno, no bloco aliado destacavam-se os Estados Unidos, a hoje em dia fragmentada União Soviética, sob a liderança da Rússia, a Grã-Bretanha, a França (não a servil, de Vichy, do marechal Pétain, mas a **France Libre**, do general De Gaulle) e o Canadá. Contudo, nenhum observador atento haverá de cerrar olhos à realidade de que o esforço de guerra dessas grandes potências teve a facilitá-lo, e muito, o categórico concurso, fora dos campos de batalha, de multiplicidade de Estados, maiores ou menores, dos cinco continentes, inclusive latino-americanos, tais como Cuba, Haiti, Panamá, Honduras, Guatemala, Costa Rica e Nicarágua. Países que produziram e lhes forneceram valiosas matérias-primas, ao lado de inúmeros materiais estratégicos. Nas Américas sobressaíram, acima de quaisquer outros, o Brasil e o México, os únicos que, para além daquela contribuição para a **débâcle** do nazi-fascismo, enviaram destacamentos de tropas ao encarniçado **front** do Velho Mundo. Entrava, assim, em cena a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Comandou-a o general de três estrelas

João Baptista Mascarenhas de Moraes, futuro marechal. Essa Grande Unidade deslocou-se para a Itália, em cinco escalões, somando seus efetivos 25.334 homens. O primeiro compunha-se de 5.075 militares (à frente o general-de-brigada Euclides Zenóbio da Costa, comandante da Infantaria Expedicionária); igual cifra totalizou o segundo (à testa o general-de-brigada Oswaldo Cordeiro de Farias, comandante da Artilharia Divisionária); com 5.239 integrantes contou o terceiro, encabeçado pelo general-de-brigada Olímpio Falconière da Cunha, comandante dos órgãos não-divisionários; o quarto integralizava 4.691 expedicionários (comando do coronel Mário Travassos); por seu turno, o quinto e último, que teve como comandante o tenente-coronel Ibá Jobim Meireles, reuniu 5.082 combatentes. Outrossim, viajaram ainda para a Itália, por via aérea, 111 médicos e enfermeiras militares. Brilhou a FEB desde a chegada de seu 1º escalão ao Porto de Nápoles, em 16 de julho de 1944, até à cessação das hostilidades travadas no teatro de operações do Mediterrâneo, em 2 de maio de 1945, com a capitulação incondicional das forças do III Reich ali estacionadas, que o general Von Senger und Ettelin se viu compelido a assinar, em Florença, perante o general Mark Clark, comandante do V Exército norte-americano, ao qual ela estava incorporada.

Com desassombro conduziram-se os heróicos soldados da FEB, esses os verdadeiros heróis do povo, 451 dos quais não voltaram, compatriotas nossos que escreveram páginas inesquecíveis em Camaiole, Monte Prano, Fornaci, Porreta Terme, Monte Castelo, La Serra, Monte della Castellana, Soprassasso, Castelnuovo, Vergato, Tole, Montese, Zocca, Marano, Vignola, Formigeno, Collechio e Fornovo di Taro. A par da profusão de baixas, em mortos e feridos, ocasionadas ao inimigo, capturamos 20.573 deles. Três eram generais, sendo oficiais de diferentes postos 894. Dentre aqueles o general Otto Fretter Pico, comandante da 148ª Divisão de Infantaria alemã, o general italiano Mário Carloni, da histórica Divisão Bersaglieri e o general Josef Pensel, que comandava o 75º Corpo de Exército germânico.

Enfim, nossos pracinhas desmoralizaram a fundo os vaticínios pessimistas dos quinta-colunas e derrotistas dos mais diversos matizes, que, em sucessivas galhofas, garantiam *“ser mais fácil uma cobra fumar do que a FEB embarcar”*, daí advindo o famoso distintivo da cobra fumando, que orgulhosamente ostentava. E a cobra fumou mesmo. Fumou para regozijo nacional.